

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.44425>

Tradução recebida em: 28/07/2022

Tradução aprovada em: 30/07/2022

Tradução publicada em: 19/09/2022

[TRADUÇÃO]

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA¹

da metáfora

Alain (Émile Chartier)

Tradução

Jade Oliveira Chaia²

Michelly Alves Teixeira³

Philippe Lacour⁴

269

Resumo: O texto aqui traduzido foi publicado originalmente na coleção *Les contemporains*, em 1923, organizada pela *Librairie Stock*. Trata-se de uma crônica de Alain, pseudônimo utilizado por Émile Chartier. A tradução foi realizada por integrantes do Grupo de Tradução do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, coordenado pelo Professor Philippe Lacour. O grupo se propõe traduzir regularmente obras de filosofia ainda inéditas em língua portuguesa e disponibilizá-las em periódicos de acesso livre. O trabalho de tradução é produzido de maneira colaborativa através da plataforma digital *TraduXio* (<https://traduxio.org/>).

Palavras-chave: Alain. Émile Chartier. Estética. TraduXio.

¹ Publicado originalmente na coleção *Les contemporains*, em 1923 organizada pela *Librairie Stock*.

² Mestranda em Desenvolvimento Local pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (PPGDL-UCDB). Graduada em Direito pela mesma instituição. Graduada em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: jade_joc@hotmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>.

³ Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL-UNB). Graduada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: michellyteixeira@hotmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6860370367827142>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.

⁴ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Doutor em Filosofia pela *Université de Provence Aix Marseille I*. E-mail: unb@philippelacour.net.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6424210911031934>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>.



II. Da metáfora

A metáfora é mais antiga que a comparação. Numa primeira aproximação, poderíamos até mesmo pensar o contrário, ao considerar Homero e suas comparações célebres como situadas na origem da história humana. As metáforas seriam comparações abreviadas, como quando alguém escreve: “a torrente da eloquência”, em vez de desenvolver separada e paralelamente os dois termos: “como uma torrente... assim a eloquência”. Considerei as coisas dessa maneira, na época em que sonhava escrever sobre as metáforas. É que não tinha aprendido a olhar, em geral, mais para atrás. Ora, para além de Homero constrói-se um mundo humano que se expressa por contos, provérbios, parábolas, estátuas e templos, e que se expressa sempre metaforicamente.

270

Os verdadeiros provérbios, por exemplo, são metáforas puras. A comparação não é somente abreviada, é muito mais a ausência de um dos termos. “Cuidar da vida alheia é fácil, o difícil é limpar o próprio umbigo”. Algumas parábolas têm a mesma marca na medida em que a ideia é expressa sob a forma de um objeto sem qualquer comentário. A fábula “as rãs pedem um rei” é desta espécie, com ressalva de que em todas as fábulas – e de algum modo no espaço logo abaixo do texto – algum gramático, acho, escreveu uma lição de moral. Foi da mesma maneira quando quisemos dar um título a certas sonatas de Beethoven. Mas de acordo com o costume antigo, jamais existe uma ideia ao lado da imagem, pelo contrário, a ideia está na imagem e não se separa dela. As parábolas evangélicas ostentam frequentemente a marca do gramático, desenvolvem-se à maneira das comparações. Outras, que são como Esfinges, são mais antigas em estilo e mais veneráveis, como a da figueira que foi amaldiçoada porque não tinha figos, “e não era a estação dos figos”. Creio ter adivinhado este enigma, mas não quero apressar-me a explicá-lo. Sem dúvida, há aqui, mais do que um sentido, como nos provérbios; e podemos temer, se interpretamos nós mesmos o que vemos, encobrir, sem remediar, o que ainda não adivinhamos.

É provável que os signos mais antigos sejam sem palavras e, portanto, absolutamente metafóricos. E é muito melhor que eles sejam involuntariamente metafóricos, se é que assim posso dizer. Por exemplo, um túmulo na antiguidade, era apenas um monte de pedras que protegia o cadáver dos lobos. Quanto mais amigos o defunto tinha, maior era a pilha de pedras. Assim foram as primeiras pirâmides e, sem dúvida, o peso e a forma das pedras, deram uma primeira ideia destas formas cristalinas, que a piedade dos amigos apenas



completou. Mas, finalizados ou não, esses túmulos foram imediatamente signos poderosos; esses caracteres da escrita, que estão entre os mais antigos, foram, portanto, traçados antes que pudéssemos lê-los. Mas a cada vez que um homem tentava lê-los, um novo pensamento se confinava neles com o morto. Assim nasceu o culto, do qual surgiria mais tarde a religião que rompe os túmulos, e, ao libertar a ideia, acredita libertar a alma. Assim, a metáfora renasce de suas cinzas, como a fênix, rainha das metáforas.



REFERÊNCIAS

- ALAIN. *Propos sur l'esthétique*. 1ª edição. Paris: Les Presses Universitaires de France (PUF), 1949. Disponível em: <<http://ark.bnf.fr/ark:/12148/cb37158481d>>. Acesso em: 25 maio, 2021.
- LACOUR, P.; MATOS LIMA MELO, F.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MENDES SBERVELHERI, M.; ALVES TEIXEIRA, M.; SANTOS DOS PRAZERES, R. A Noção de Objeto, de Alain (Émile Chartier). *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, [S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 181–192, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.26512/rfmc.v9i2.41822>> Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/41822>>. Acesso em: 31 maio. 2022.
- LACOUR, P.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MENDES SBERVELHERI, M.; ALVES TEIXEIRA, M.; SANTOS DOS PRAZERES, R. "O Culto da Razão como Fundamento da República" de Alain (Émile Chartier). *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, [S. l.]*, v. 9, n. 3, p. 373–380, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.26512/rfmc.v9i3.41746>>. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/41746>>. Acesso em: 31 maio. 2022.

